

AVOSIDADE: O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO DE AVÓS, AS RELAÇÕES E OS CONFLITOS

Evaldo Cavalcante Monteiro

Doutorando em Educação pela UFC, evaldo.monteiro@stds.ce.gov.br

RESUMO

O trabalho parte de um dado empírico, o conflito na relação avós e netos, identificado em um grupo de idosos. A literatura mostra que o conflito familiar existe que é estrutural e imprescindível ao adulto saudável. Socialmente há uma dificuldade de assimilação da avosidade/velhice fator que contribui para o conflito. Chegamos a conclusão que cabe aos idosos e aos trabalhadores da área a superação deste suposto impasse, trabalhando numa perspectiva transgeracional.

Palavras-chaves: Conflito, idoso, avós

ABSTRACT

This paper becomes from empiric view of the conflict between grandparents and descendants. Its had been identified in a elderly group. The literature has indicated that this family conflict exist, it's structural and necessary to adult health member. Socially there is a difficulty to assimilation of grandparenthood as elderly. This is a factor to develop this family the conflict. Conclusion: it is due to a elderly people and a gerontology worker to overcome the supposed impasse. They have to work in transgeneration perspective.

Key-words: gap generation, elderly, grandparents

INTRODUÇÃO

A idéia do conflito na relação com os netos me aparece no contexto do grupo de convivência com que trabalhávamos. Ao debatermos o tema podemos identificar a existência do conflito, chegando inclusive a ter agressão física. O conflito era explicado pelas avós do grupo como sendo uma questão de “Era” que é um termo designado para expressar longos lapsos de tempo na história. Passei a me perguntar se o emprego deste não seria em função de um grande fosso entre ambos.

Inicialmente pensava que a relação e o conflito se davam de forma dual, ou seja, uma interação direta entre avós e netos. Com a revisão da literatura descobrimos a geração intermediária, a dos filhos. A relação passou a ser intergeracional, netos, pais e avós. Há uma complexidade, uma rede de relações. A relação avós e netos passa antes de tudo pelos circuitos estabelecidos internamente na família, portanto, pela dinâmica familiar. O conflito

existe e que é necessário à afirmação do jovem, sob pena de ter desajustes depois, caso não lhe seja permitido vivenciá-lo.

METODOLOGIA

Revisão da literatura. Utilizando os termos avós, conflito, família e idoso com descritores de busca.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ser avó

O ser avó é uma função, que se constituir independe de idade e de laços consangüíneos, basta duas pessoas assumirem as funções de avós e de netos, Porém esta implica numa relação trigeracional: avós, filhos e netos. A vivência antecede o nascimento do neto, enquanto desejo, idealização, e continua, após o nascimento. A esta relação assemelha-se à de Narciso¹ com sua imagem, o neto é um reflexo de si mesmo. (1)

O torna-se avó é um marco para os avós com sua história de vida, para os filhos, para os netos e demais membros da família. Ser avo é uma posição relativa, subjetiva e interpessoal. Como toda relação envolve sentimentos ambíguos, amor e desejo, e hostilidade e rivalidade (1). Há também um outro sentimento, o temor. (2) O nascimento do neto põe as avós em contato com a velhice, deflagrando o pensar de seu processo de envelhecimento.

Na relação avós e netos os filhos se constituem uma relação intermediária. Os filhos têm uma percepção da sua relação com seus pais, a qual apresentarão a seus filhos (1).

O surgimento do neto, usualmente, ocorre numa fase da vida repleta de mudanças para os avós. Socialmente, podemos citar a aposentadoria e a perda da função materna. Psicicamente há mudanças na relação consigo mesma, na sua imagem narcísica, nas pulsões e na relação objetal. É possível que venham a perder elementos gratificantes por distância ou morte. Numa atitude de reparo, as energias psíquicas, devem ser realocadas em

¹ Personagem da mitologia que ao conhecer sua imagem apaixonou-se por ela.

outros objetos. Contudo, os objetos podem não ser atraentes o suficiente. Adentramos no plano da psicopatologia.

O neto pode ser este objeto de investimento. Reparando as perdas e assegurando um sentimento de continuidade. Que não são apenas no plano biológico, dar continuidade a família. Mas, sobretudo passar sabedoria e as vivências acumuladas. (2)

As idosas podem ser cuidadoras dos netos, ajudam as filhas para que possam estudar e/ou trabalhar fora de casa. As avós classe média temem se tornar babás de tempo integral. (2). Por outro lado, as avós de baixa renda são capazes de reestruturar seu tempo para se dedicarem aos netos, (3).

Essa participação das avós no cuidado com os netos fica evidente, embora vivamos o modelo de familiar nuclear. A essa condição denominou-se de intimidade à distância. Temos que considerar que as avós findam por ter uma participação considerável na socialização dos seus netos (2).

Os condicionantes da participação dos avós: distância geográfica entre eles, financeiras, de idade e de saúde das avós (4). Acrescentado a estes: a idade, o gênero dos pais e dos netos, o estado civil da avó, a raça, o nível sócio-educacional da família e as características da personalidade dela (5).

O rechaço

Ao expressar seu objeto de estudo, *abuelidad*², sente a reação negativa dos ouvintes. Esta extrapola para o âmbito de cultura quando a mesma não tem um termo para nomear o tornar-se avó. Como há um substantivo para função paterna e materna. Deveria existir ou ser criado um para nomear a função de ser avó. O fato de não ter sido criado é entendido como uma resistência ao tema. (1). Propomos que seja adotado o termo *avosidade* para esta função.

O rechaço também se dá na própria família. Os jovens, ou seja, os seus netos, por terem pouca experiência de vida não conseguem apreender e compreender o que seja

² *Abuelidad* é o termo que Redler emprega para tratar a questão do exercício da função de ser avó. Considerando a ausência de um termo correlato na língua portuguesa estamos fazendo uma livre tradução do termo para *avosidade*.

avosidade. Os adultos, ou seja, seus filhos, já dispõem deste tempo e experiência de vida, pois estão mais próximos desta fase, para compreendê-la, contudo são portadores da crise de uma avosidade não elaborada. A família, em geral, tem dificuldades de relação com a geração mais velha, ou por questão de tempo ou de crises. Dificuldades se convertem em rechaço ao tema e ao sujeito mais idoso.

Ser avó é um sinalizador de que avançamos no tempo de nossa existência. Comparamos a uma convocação para guerra, chamados a participar do pelotão de frente. Nesta posição seremos os primeiros no combate e possivelmente os primeiros a tombar, ou seja, a falecer. Ou seja, ser avó nos remete a questão da finitude, ainda que vejamos a vida se prolongando através dos netos. Este é um paradoxo próprio desta relação.

A avosidade enfatiza o pertencimento a geração mais velha da família. Assim esta função e velhice se sobrepõem. A idéia do rechaço se dá tanto pela idade quanto pelo papel familiar.

Vejamos o rechaço pela perspectiva etária, a velhice. Que pode ser vista sob a ótica do mito, que fazem parte do imaginário. Aqueles por que passam o processo se vêm compelidos a cumprir os estereótipos estabelecidos (6).

Esta autora faz um rol dos mitos: 1) a passividade, visto como fase de descanso, impossibilidade de aprendizagem, desvinculação e auto-exclusão; 2) o velhismo³, marginalização, temor, desagrado, negação e agressão, ou seja, um conjunto de ações que levam a discriminação da velhice; 3) o envelhecimento como enfermidade, não há distinção entre processo de envelhecimento e patologia; 4) os limites, as modificações do processo de envelhecimento não são doenças; mas mudanças e diminuições de ritmos. Essa idéia da velhice como diferente é fundamental para este trabalho; 5) o idoso não aprender. Este pensamento veicula a educação à vida produtiva. A gerontologia, segundo a autora, é

³ Não há correlato na língua portuguesa para o termo. Trata-se de uma versão da expressão castelhana El viejismo, tradução feita pelo autor.

introdutora da idéia da educação permanente. É provável que haja dificuldades no processo de aprendizagem, mas as habilidades para tal permanecem e é preciso exercitá-las; 6) a fixação no passado; as mudanças são grandes e se dão tanto no âmbito tecnológico quanto no dos costumes. O recordar, o reconstituir a trajetória de vida é uma forma de integrá-la ao presente. Diferente da fixação, um ruminar sobre si mesmo sem integrá-lo ao presente; 7) assexualidade; o desejo não desaparece, mas ocorrem modificações também nesta área, como todo o resto. Há uma tendência a comparar o desempenho da fase juvenil com o da fase atual. Para autora esta fase deve ser encarada como uma nova fase, com possibilidades, ritmos e formas de contatos sexuais diferentes de outras.

Outro banimento é a dada pela perda do idoso do corpo ágil, forte e saudável, valores da sociedade contemporânea. O conceito ocidental de velhice relativamente novo (7). A existência humana sempre teve diversas fases entre o nascimento e morte. Mas a percepção dessas fases marcadas por uma leitura biológica data do final do séc. XVIII e início do séc. XIX. Desde então a velhice se torna uma fase de decadência. Concepção baseada nos saberes biológico e médico que neste período se unem ao Estado e fazem intervenções no espaço urbano/social. Todas as intervenções eram justificadas desde que fossem para assegurar a vida das pessoas. Embora este fosse o conteúdo manifesto, o que estava na base era o corpo como reprodutor e produtor de riqueza. Desta maneira o corpo adulto e útil era desejado e corpo velho que não mais reproduz nem produz era marginalizado.

O que se torna difícil para o sujeito que envelhece é a assimilação de já não ser mais, ele foi, ele teve. As modificações corporais que ocorrem são vistas como decadência. A saída do papel produtivo, a redução da renda em função da aposentadoria, a diminuição do prestígio social e de um papel que lhe assegure o sentimento de inserção social, citando alguns elementos, que fazem com que este momento seja visto como declínio. Este processo culmina com o estado psíquico da perda do ego ideal.

Quando um quer dois brigam

Estamos nos perguntando pela dificuldade nos relacionamentos familiares, eles existem? E entre avós e netos, eles acontecem? É possível denominarmos estas dificuldades de conflito?

O levantamento bibliográfico mostra que sim. As dificuldades nos relacionamentos familiares existem e são denominadas de conflito. (3), (8), (9), (10) e (11). Apresentaremos estes autores fazendo uma divisão entre os que tratam do conflito na família e o que envolve as avós.

No contexto familiar o conflito existe na família e ele se dá numa via vertical, entre pais e filhos, horizontal entre irmãos. Este autor considera o conflito um elemento fundamental na constituição do indivíduo adulto saudável (9). O estudo de famílias enfocando os papéis nela desempenhado observando gênero e trabalho, o resultado da pesquisa mostra o conflito nas relações (11).

Tratando do conflito geracional fora do contexto família, ele pode ser decorrente de uma fixação em um tempo passado quando o idoso se sentia ativo e participativo (8).

Confirmando o conflito na relação "... avos e netos aqui focalizados [na pesquisa] que, certamente, vivem inúmeros conflitos entre si na vida cotidiana" (3) p.28

Embora não faça um estudo do conflito, mas ele está presente em sua obra (10). Considerando que este trabalho é fundamental para o tema em foco nos deteremos nele mais tarde.

Os autores citados tratam do assunto, mas não definem o que é conflito. Em busca de seu significado fizemos um levantamento em vários dicionários e chegamos ao seguinte termo: é uma luta, uma disputa ou uma contenda na qual os valores, status, regras, poder e recursos escassos estão em questão, e que tem ainda o objetivo dos oponentes é neutralizar o rival, causar-lhe dano ou eliminá-lo.

Ele pode ocorrer entre indivíduos e coletividades. Estando classificado quanto à natureza (bens, valores, idéias e regras) e estrutura. Seu impacto depende da estrutura organizacional da sociedade. Em sociedades abertas, pluralistas e flexíveis este pode ser estabilizador, se houver canais de expressão novas formas de interação podem surgir. Por outro lado, em estruturas rígidas há uma tendência a suprimi-lo tornando, assim, o conflito mais desagregador.

Uma vez definido o conflito buscamos averiguar o que seria o conflito geracional. Chegamos ao seguinte termo: um protesto da geração mais jovem contra as normas e/ou

decisões políticas da geração mais velha. Esta manifestação esta pautada em duas condições:

1.1 Expectativas de atitudes incompatíveis entre os dois grupos:

1.1.1 Atitude conservadora, por parte dos mais velhos, visando manter benefícios;

1.1.2 Tendência a forçar mudanças, por parte dos mais jovens, e melhorar padrões tradicionais.

1.2 Abordagem estereotipada:

1.2.1 Os jovens consideram os mais velhos como obstinados, repressivos e antiquado;

1.2.2 Os mais velhos consideram os jovens como tendo inadequado senso de responsabilidade, falta de experiência e preguiçosos.

Abordando as relações familiares como forma de transmissão da cultura. Apresenta três formas de organização quanto à transmissão: a posfigurativa, a cofigurativa e a prefigurativa (10). Vejamos cada uma delas.

Posfigurativa:

Ela ocorre em sociedades primitivas e em pequenas religiões aonde a autoridade vem do passado. Estas culturas encontram-se isoladas. As mudanças ocorrem de forma lenta e imperceptível. Neste caso os avôs vêm no futuro dos seus netos um estilo de vida igual ao que estão vivendo. Neste sentido pode-se dizer que não há conflito geracional.

Sem escritas ou outra forma de registro as mudanças devem ser assimiladas, conhecidas e transmitidas através da memória dos velhos. A ausência de registros do passado faz a percepção da mudança ser imediatamente absorvida pelo estilo dos mais velhos. Na verdade a continuidade se mantém pela supressão na memória dos episódios que abalaram a continuidade e a identidade estabelecida.

Cofigurativa:

A cultura cofigurativa se inicia a partir da interrupção do continuísmo da posfigurativa. A autora sinaliza como possíveis fatores: catástrofes, onde os velhos tem sido particularmente atingidos; o surgimento de novas tecnologias onde os idosos não dominam; migração ou conversão religiosa. Enfatiza o caso da migração onde os novos membros deverão fazer parte da nova cultura. Cita o caso do trabalho e da escola onde na convivência com os pares

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

poderão fazer comparações entre os estilos de vida por eles praticados anteriormente e o dos seus pares. Ela faz referências as sociedades de classes onde a modificação se dá a partir da escolha da educação e da ocupação implementada pelos pais (10).

Afirma ainda que na cultura cofigurativa os avós estão ausentes, como também estão em sociedades onde há grande mobilidade, como a americana. Neste caso as crianças têm uma fraca ligação com o passado. Ela afirma que na família nuclear os avós estão ausentes, situação típica de migração, mas mesmo que esteja presentes sua influencia é diminuída. Eles não se apresentam como modelo viável para seus netos. Crescer dentro numa estrutura de família nuclear propicia as crianças percepção de que seus pais são diferentes de seus avós e que eles serão diferentes de seus genitores. O conflito neste caso não é imediato, emergindo quando a formação dos jovens se mostra inapropriada para a fase adulta nesta nova circunstância.

A autora apresenta o surgimento de tecnologias como fator de mudança. Devemos ressaltar que vivemos numa sociedade tecnológica onde cada dia se produz mais aparelhos. Portanto é lícito pensar que há sempre uma ruptura ocorrendo no nosso meio.

Prefigurativa:

É apresentada pela autora como uma cultura onde “a criança – e não os pais e avós que representam o que está vindo” (10, p.88). Existe uma propaganda de um banco⁴ onde o filho é chamado a resolver problemas de computação que o pai não sabe, parece que já estamos nesta modalidade de sociedade. “Hoje, em nenhum lugar no mundo existe um idoso que saiba o que as crianças sabem, no importa quão remota e simples seja a sociedade em que as crianças vivam” (10, p.77/78).

Os idosos estão separados dos demais segmentos sociais pelo simples fato de ser uma geração estranhamente isolada. Nenhuma geração vivenciou tão intensa e rápida mudança como essa. “tudo mudou diante dos seus olhos” (10, p.78) apesar disso estão apartados dos jovens que devem rejeitar o passado dos idosos. A separação se dá em todas

⁴ Banco Itaú.

as direções, ou seja, cada geração esta fecha em si mesma, não estabelecendo relações com a precedente nem com a posterior. Esse isolamento passa pela dificuldade de comunicação. Embora falemos o mesmo idioma a dificuldade se assemelha ao confronto de duas nações que falam a mesma língua, mas que o dialogo não flui facilmente. A autora cita como exemplo o encontro de um americano com um inglês, onde as palavras podem ter um sentido diferente para ambos. Seria preciso um esforço para haver um entendimento. Este é o mesmo esforço que as gerações devem implementar se quiserem estabelecer um diálogo.

“Devemos criar modelos para adultos no qual possam ensinar suas crianças não o que aprender, mas como faze-lo e não o dever ser solidários, mas o valor da solidariedade” (10, p.92). Esse é o desafio da contemporaneidade.

“O desenvolvimento da cultura prefigurativa dependerá da existência de um contínuo diálogo em que o jovem, livre para agir sob sua própria iniciativa, pode conduzir seus velhos na direção do desconhecido. Assim a geração velha terá acesso a novo conhecimento experimental, sem um plano preestabelecido. Somente através de uma participação direta dos jovens, que detém o conhecimento, que podemos construir um futuro viável.” (10, p.94). Evidencia primeira: nosso momento presente é único sem paralelo na história, o hiato geracional é de escala global.

Quem nasceu e se criou após a segunda guerra mundial se tornou uma espécie de “migrante do tempo, onde temos que deixar para trás o mundo familiar para viver uma nova era sob condições que são diferentes de quaisquer uma outra já conhecida” (10, p.74).

Diante do que exposto pelos autores aqui apresentados podemos pensar que existe conflito geracional na família. Este não depende exclusivamente da vontade dos atores envolvidos. Existe toda uma circunstância histórico-social-cultural que fornece meios para que este ocorra.

CONCLUSÃO

Constatamos idealização da relação avós e netos seja, um ninho de amor, porem o conflito é possível. Mais que isso, ele é esperado e desejado. Uma vez que faz parte do

desenvolvimento saudável do sujeito. Ainda que não seja o pensamento corrente, temos como ideal a convivência familiar harmônica.

Os elementos do conflito estão postos pela própria cultura. As gerações estão apartadas. A incomunicabilidade é barreira entre as gerações. Dentro da nossa sociedade que cultua a juventude este hiato entre gerações aparece com evidência. A velhice se apresenta como o lugar indesejável, de ostracismos para geração mais jovem como também para com a que nos antecederam e nos sucederam.

A cultura rechaça a velhice, contudo para atender a esse o valor cultural o indivíduo teria que aceitar o banimento ou deixar de ser idoso, porém não pode realizar essa demanda. Terá que conviver com as modificações advindas do processo de envelhecimento e com essa desvalorização, sem, contudo sucumbir ao mesmo, deverá encontrar espaço para uma outra forma de subjetivação.

Desta forma os grupos de idoso aparecem como uma ilha protetora contra esta situação. Porém há um trabalho a ser feito o de construir pontes, possibilidades de trocas, entre essas gerações. Temos que trabalhar nesse sentido, coletiva e individualmente. Podemos aprender e ensinar seja com os mais velhos ou com os mais jovens. Para tanto é necessário que os idosos superem o ressentimento do lugar de velho, no ostracismo e que se disponham a construir essas pontes. Então mãos a obras.

REFERÊNCIAS

- 1- Redler P. *Abuelidad: Mas Allá de la paternidad*. Buenos Aires, ed. Legasa, 1986;
- 2- Barros ML de. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987;
- 3- Oliveira PS. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo, Hucitec, 1999. 314p.
- 4- Iwanowicz B, Ricoy M, Silva MC. *As Relações familiares de lazer ao longo da vida dos idosos* in Encontro de história do esporte, lazer e educação física. Bárbara. Html em www.unicamp.br, 1989
- 5- Dias CM.S.B, Silva DV. Os avós : uma revisão da literatura nas três últimas décadas in Carneiro, T. F. *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro, Editora Nau, 2000;

- 6- Vigueira V. *Prejuízos, mitos e idéias errôneas acerca Del envejecimiento y la vejez* (tema I) in seminário: temas de psicogerontologia <http://psiconet.com/seminarios/pgl>
- 7- Birman J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise, in Veras R (org.) *Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1995.
- 8- Kehl MR. Conflito de gerações x ruptura. *A Terceira idade*, São Paulo, 3:15-22,dez.,1990;
- 9- Kancyper L. *Confrontação de gerações: estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999;
- 10- Mead M. *Culture and commiment:a study of generation gap*. New York, The American Museum of Natural History, 1970.
- 11- Salem T. *O velho e o novo: um estudo de papeis e conflitos familiares*. Petrópolis, vozes, 1980. 240p.